

Doc. (2)

CEDI - P. I. B.
DATA 04/09/86
COD. KX1D01Terry - First Relation

Tere Aguiar

"... tenho trabalhado muito, muito tempo em seringal, nunca botei nada de valor na minha casa. Os caboclo todo vive nú e cru nesse seringal dos alto. Nós vive é na pindaíba. Nós trabaia bem dizer de graça pros patrão. Quando nós adoece aqui, patrão não dá valor. Patrão só dá valor na produção, no trabalho de seringa. Agora comigo eu fico imaginando assim: queria qui soubessi do movimento qui os patrão fazi cum nós aqui, queria qui soubessi... A causa nossa é trabaia pro patrão, é sofrer... Os patrão diz assim: 'Vocés não tem proteção aqui. Não tem governo pra vocês. Não são brasileiro.'

Falu a gíria. Vive em terra nossa. Vive em terra emprestada.'

É assim que os patrão dizi..."

(depóimento de um velho Kaxinaúá do Seringal Barés, do rio Envira.)

I - Introdução

Este relatório está ligado a um projeto de pesquisa, encaminhado à Funai em setembro de 1975, que propunha fazer um levantamento preliminar da população Kaxinauá nos vales dos rios Envira e Tarauacá, afluentes da margem direita do alto-Juruá, através de um survey que desse conta de quantas aldeias existem, suas localizações precisas, a distribuição da população e as relações sócio-econômicas que esse grupo mantém com os segmentos regionais da sociedade nacional da área em questão.

Apresenta os resultados parciais de minha pesquisa de campo, que teve a duração de 3 meses (fins de setembro a fins de dezembro de 1975).

A estratégia de deslocamento no campo obedeceu à subida desses rios a partir das cidades de Feijó e Tarauacá, sedes administrativas e as únicas cidades dos municípios dos mesmos nomes, localizadas na micro-região do alto-Juruá, no Estado do Acre.

O primeiro mês na área foi passado no rio Envira. Foram localizados aí cerca de dez malocas habitadas por pequenos grupos Kaxinauá, três malocas de Culina, uma maloca Campa e uma maloca Katuquina. Cabe assinalar aqui que a localização desses 3 outros grupos étnicos seguiu o critério da ênfase dada na localização das malocas Kaxinauá, não esgotando a existência de outras malocas Katuquina, Culina e Campa localizadas em outros rios. O rio Envira foi subido até a sede da Fazenda Califórnia, de propriedade do Grupo Atala que, progressivamente, está se transformando numa grande fazenda agropecuária. Voltaremos a tratar disso mais adiante.

Os dois outros meses foram passados na subida dos rios Tarauacá e Jordão, este último afluente da margem esquerda do

primeiro e localizado bem próximo às suas cabeceiras, quase na fronteira com o Peru. Nesses dois rios, a população indígena é maciçamente Kaxinauá, apresentando o rio Jordão a maior concentração da população regional da área. Em minha viagem atingi o último seringal desse rio Jordão.

A seguir, apresentaremos abaixo a distribuição dos grupos indígenas nos vales dos rios acima citados.

II - Localização dos Kaxinauá e demais grupos étnicos nos vales dos rios Envira, Tarauacá, Jordão e Murú.

Para facilitar a distribuição dos grupos indígenas da área percorrida, apresentaremos, à página 37, um mapa que visualize tanto a localização das malocas, como a população aproximada de cada uma delas.

Nesses 3 meses de duração da pesquisa, foram contactados aproximadamente 1.325 indígenas, sendo 1.028 Kaxinauá, 92 Katuquina, 196 Culina e 9 Campa (esse último contactado na Fazenda Califórnia; estavam trabalhando na derrubada da mata para o administrador desta Fazenda). Apresentamos a seguir, as cifras por aldeamento nos 4 rios.

RIO	GRUPO ÉTNICO	ALDEIAIMENTO	CASAS	POPULAÇÃO
ENVIRA	Katuquina	Morada Nova	19	92
"	Kaxinauá	Colonia Terra Firme	1	13
"	"	Colonia Saúde	3	14
"	"	Colonia Paredão	6	27
"	"	Seringal S.Sebastião -Paroá	15	98
"	"	Seringal Barés	3	11
"	"	Seringal Nazaré	2	11
"	"	Seringal Canadá	2	29
"	"	Seringal Vista Alegre	2	20
"	"	Seringal Nova Olinda	9	57
"	"	Seringal Porto Rubim	2	14
"	Culina	Seringal Califórnia	13	76
"	"	Fazenda Califórnia	8	55
"	"	Igarapé Jaminauá (*)	11	65
"	Campa	Seringal Simpatia	1	9
TOTAL DO RIO		15 malocas	97	591
TARAUACÁ	Kaxinauá	Colonia 27	8	38
"	"	Col. - Igarapé Preto	3	21
"	"	Col. Beira do Lago	2	8
"	"	Seringal Pacujá	6	35
"	"	Seringal Penedo	1	8
"	"	Seringal Universo	1	10
"	"	Seringal Mucuripe	2	17
"	"	Seringal União	1	5
"	"	Seringal Atenas	3	19
"	"	Seringal Alagoas	1	5
"	"	Seringal Massapê	5	43
TOTAL DO RIO		11 malocas	33	209
JORDÃO	Kaxinauá	Seringal Bonfim	3	20
"	"	Seringal Bom Jardim	9	47
"	"	Seringal Fortaleza	19	144
"	"	Seringal Sorocaba	8	62
"	"	Seringal Bruxela	7	41
"	"	Seringal Transual	7	38
"	"	Seringal Revisão	4	31
TOTAL DO RIO		7 malocas	57	383

(cont.)

(cont.)

RIO	GRUPO ÉTNICO	ALDEIAIMENTO	CASAS	POPULAÇÃO
MURÚ	Kaxinauá	Fazenda 5 Estrelas	3	26
"	"	(*) Ser.Tamandaré-Caucho	5	35
"	"	(*) Seringal Transual	4	30
"	"	(*) Seringal Repouso	2	15
"	"	(*) Seringal Boa Vista	2	16
"	"	(*) Seringal Ocidente	3	20
T O T A L D O R I O		6 malocas	19	142
TOTAL GERAL		39 malocas	206	1.325

O rio Envira apresenta, com relação aos demais rios, uma certa particularidade. Habitam em suas margens 4 grupos étnicos diferentes: Kaxinauá, Katuquina, Culina e Campa (os dois primeiros classificados na família Pano e os dois últimos, no tronco Aruak). Essa diversificação étnica torna-se interessante para o estudo das relações inter-tribais na área. Embora não estivéssemos preocupados com esse assunto, constatamos inúmeros casamentos inter-tribais de Kaxinauá com o grupo Katuquina, que falam línguas da mesma família Pano. Os demais grupos, não foi observado nenhum caso de trocas matrimoniais.

A população indígena do rio Envira apresenta também o seu maior volume, conforme demonstra o quadro (pgs. 4 e 5), no total de 591 indígenas. Isso em parte-se explica por causa da diversificação dos grupos étnicos encontrados próximos à área em que vivem os Kaxinauá. Assim, por exemplo, no próprio rio Tarauacá, próximo à sua foz com o Juruá, soubemos notícias de outros gru

(*) Não foi percorrido nem o Igarapé Jaminauá, afluente da margem direita do Envira, nem o rio Murú, afluente da margem direita do Tarauacá. Os dados apresentados são estimativas aproximadas feitas, respectivamente, por Culinas e Kaxinauá, que vivem nesses rios.

pos Culinás, que não foram recenseados porque nosso principal interesse era a localização dos grupos Kaxinauá, que estavam dispersos no alto-rio.

Seria interessante que a FUNAI também se interessasse em fazer outros levantamentos, tal como o que está sendo apresentado em relação à população Kaxinauá. Existem grupos Culina tanto no baixo Tarauacá, como no rio Gregório. Nesse último, encontram-se também grupos Katuquina e uns poucos Kaxinauá, que não foram aqui apresentados por falta de informações precisas.

A população Kaxinauá do Envira (294 indivíduos) vive dispersa em 10 malocas, sendo 4 bem próximas da cidade de Feijó, com 150 índios e as 6 restantes, dispersas em 6 seringais do alto desse rio, com 144 habitantes indígenas. Embora esses Kaxinauá tenham sido no passado seringueiros, hoje em dia, salvo raras exceções, já não cortam seringa devido, principalmente, ao estado de abandono em que vivem os seringais do Envira, comparado com os seringais do Tarauacá e Jordão, principalmente este último. Além disso, muitos seringalistas do Envira, endividados com o BASA, tiveram que vender muitos seringais para grupos sulistas, que tentam transformá-los em fazendas agropecuárias, acentuando ainda mais o abandono do corte de seringa nesse rio.

Já no Tarauacá, Murú e Jordão, a população indígena é predominantemente Kaxinauá. Bem na periferia da cidade de Tarauacá, do mesmo modo que em Feijó, gravitam 5 aldeias Kaxinauá, com aproximadamente 100 indivíduos. O resto da população está localizada nos seringais desses 3 rios. O Jordão apresenta a maior concentração dos Kaxinauá da área. Foram aí recenseados cerca de 383 indivíduos, representando 37% de toda a população Kaxinauá contactada (1.028 indivíduos) dos 4 rios em questão. Conforme pode-se observar no mapa da pag. 37, essa concentração é significativa, especialmente levando-se em conta tanto o número de seringais em que vivem (cerca de 7 seringais), como o reduzido tamanho desse rio. O restante da população Kaxinauá acha-se assim distribuído:

39% espalhados por uma enorme área (7 seringais do Envira, 8 do Tarauacá e 6 do Kurú); e 24% habitando na periferia das cidades de Feijó e Tarauacá.

Essa concentração dos Kaxinauá no Jordão parece não ser aleatória, mas talvez um fato indicador da fuga que estes índios empreenderam rumo à fronteira peruana, a partir de fins do século XIX, quando os civilizados iniciaram a ocupação desses rios, estabelecendo-se em seringais. É significativo também que parte da população desses índios encontra-se, nos dias de hoje, habitando 3 aldeias do rio Curaná, já em território peruano, e uma outra, localizada próxima de Esperanza, posto de fronteira do exército peruano. Essa população de Kaxinauá peruano é estimada em 300 habitantes e representa a parte menos aculturada da tribo.

Pouco antes de chegarmos à área, parte da população Kaxinauá migrou para o Peru, desgostosa com o estado de abandono dos seringais do Envira ("patrão agora não tem nada, prateleiras tão vazia").

Parece que há, no igarapé Jaminauá, afluente do Envira (vide mapa) uma trilha que facilita a comunicação com o rio Purus, em território peruano. Falam os Kaxinauá do Envira que a viagem tem a duração de 3 dias de caminhada, a partir de um certo ponto do igarapé Jaminauá. Parece também que há um fluxo contínuo de Kaxinauá transitando nessas duas regiões.

Outro dado importante que o quadro acima parece sugerir é a distribuição total da população indígena da área (incluindo aí as outras etnias também): da população total (1.325 indivíduos), cerca de 23,5% vive nos arredores das cidades de Feijó e Tarauacá; 71,9% estão ainda vinculados, direta ou indiretamente, aos seringais da área e apenas 4,6% da população indígena vive em uma fazenda agropecuária de um grupo súlista - Grupo Atala.

Se tomarmos, por outro lado, apenas a população Kaxinauá recenseada (1.028 indivíduos), nos dois municípios que constituem o habitat tradicional desses índios - os civilizados somam aí 39.902, censo demográfico de 70 - veremos, então, que a popula-

ção Kaxinauá corresponde aproximadamente à 2,5% da população total. Trata-se, portanto, de uma população indígena, comparativamente, pequena. Por outro lado, os Kaxinauá, como os demais grupos Fano e Aruak da região, sofreram pesadas perdas em seu contingente populacional no decorrer de seus 80 anos de contato, aproximadamente. De fato, esse contato com os civilizados foi extremamente danoso para esses grupos indígenas, marcado que foi pela violência e extermínio desses índios.

A história oral da área é marcada de lembranças das chamadas "correrias de índio". Tais "matanças de índio" eram incentivadas pelos seringalistas da área que, buscando "segurança" para os seus seringueiros, contratavam homens cuja tarefa principal era a de fazer "limpeza" dos índios que viviam próximo aos seringais. Dizem os velhos civilizados da região: "cercava(m) os cupixaua dos caboclo e lascava(m) bala, matava(m) todos os home(ns), deixando apenas as mulhé(res) e filho(s) pra trocar com seringueiro, aqui não tinha mulher. Nesse tempo era difícil mulher. Tinha desses qui andava bem 3 hora atrás de um rastro pequeno, restejando e pensando qui era mulher. Mas acabou era home(m) de pé pequeno. Assim é qui é. Faltava(m) mulher(es) por aqui. Conheci foi muito cariu (como é chamado o civilizado da área) que se amigou com cabocla".

Pode-se ver na citação acima que as correrias eram organizadas não só para dar segurança aos seringueiros, mas também para arranjar amantes para os mesmos. Afinal, um grande estímulo que o seringalista podia dar aos seus seringueiros, que se internavam nas matas dos "centros" era uma mulher, mesmo que fosse ela indígena.

Esperamos que tanto essas considerações, como o mapa e o quadro aqui colocados, possam ter dado uma idéia geral da distribuição da população indígena da área percorrida nessa primeira fase da pesquisa de campo.

III - Atividades de Subsistência

Os índios Kaxinaúá e os demais grupos indígenas da área têm como característica econômica mais importante o engajamento em uma produção tipicamente de subsistência. A família nuclear é hoje a unidade de produção básica, pois os seus membros cooperam tanto na realização da produção, como no consumo em comum.

A base da produção agrícola é o plantio da mandioca, na sua variedade doce, conhecida regionalmente como "macaxeira", que se come cozida, já conhecida pelos índios antes do contato. A outra variedade, a "mandioca braba", que serve para fazer farinha e introduzida pelos civilizados, é pouco cultivada pelos índios. De fato, são poucos os Kaxinaúá que fabricam farinha. Justificam eles a falta de instrumentos necessários para sua fabricação, tais como a inexistência de fornos de metal e motor, privilégio de poucos "civilizados".

Os Kaxinaúá complementam a sua alimentação com outros produtos plantados: milho, banana, amendoim, cará, batata-doce, arroz, feijão, mamão, ananás, abacate, graviola, laranja, ingá, etc.

No entanto, a comercialização dos produtos agrícolas é mínima. O que se planta no roçado é basicamente para o consumo da família.

O pequeno contingente populacional indígena (23,5% da população total) que vive próximo das cidades de Feijó e Tarauacá é que vende alguns quilos de macaxeira (a \$0,50 o quilo), alguns cachos de banana (a \$2,00 o cacho grande), batata doce (a \$1,00 o quilo), inhame (a \$1,00 o quilo), alguns centos de abacate e limão (respectivamente, \$4,00 e \$3,00 o cento), etc. No entanto, até mesmo para esses índios que vivem nos arredores dessas 2 cidades, a comercialização desta produção não dá para adquirir os produtos da sociedade nacional, dos quais necessitam e não podem prescindir: sal (4,50 o quilo), querozene (\$5,00 o litro), fós-

foros (R\$ 1,00 a caixa), sabão (R\$ 6,00 a barre), farinha (R\$ 60,00 o alqueire), torcado (R\$ 40,00 cada unidade), mechiado (R\$ 50,00 cada unidade), corte de fazenda (R\$ 8,00 o metro de chita "mais vagabunda"), sandália havaiana (R\$ 10,00 o par), sapato (R\$ 30,00 o par), linha (R\$ 2,50 o carretel), agulha (R\$ 3,00 a dúzia), rede (R\$ 100,00 cada uma), cobertor (R\$ 20,00 e 50,00 cada unidade), leite para as crianças (R\$ 15,00 a lata), etc.

Explicam ainda esses índios da periferia urbana, que vendem poucos produtos agrícolas na cidade porque têm muitos "cariu" que também plantam e vendem, e que o pessoal da cidade sempre paga preços inferiores aos produtos agrícolas indígenas: "para cariu tem saída (referindo-se à venda de produtos agrícolas), pra nós caboclo num tem saída, cariu dá pouco pela roça de caboclo". As "gueixas" dos Kaxinauá fazem sentido se se pensar na alta percentagem da população rural, civilizada, nos municípios de Feijó e Tarauacá, respectivamente 86,3% e 84%. Esses dois últimos dados são importantes para demonstrar a grande concorrência e a possibilidade de discriminação dos produtos agrícolas indígenas na área. É também significativa a análise feita por um Kaxinauá, que há mais de dez anos vive nos arredores da cidade à cerca da utilização da mão-de-obra indígena pelos "colonheiros" cariu.

Diz ele:

"Tem cariu aqui qui tem roçado grande às custas dos trabalhos dos caboclos. Não é nem cariu patrão, nem nada. É colonheiro mesmo. Tem um aqui de nome D. qui vendia carvão, era pobre e com o dinheiro comprava o querozeninho, o salzinho, o álcool pra misturar cum água e fazer cachaça, algum litro de farinha e depois aviava pra nós, caboclos, em troca de dia de serviço. Alguma veis é qui dava cinco conto pra caboclo, pra cada caboclo. Para o ano esse cariu tá negociando produto do roçado dele às custas do trabalho do caboclo. Botamu 3 roçado grande pra ele di milho, di roça (maniocas braba) e di arroz. Ele só pode é ir pra cima e nós caboclo pra baixo. Tem roça madura pra mais de mil paneiro de

farinha, ele tem forno e motor pra fazer farinha. Vai amanhã pra mais de 3 mil quilo de arroz. Eu já botô é assim, por baixo. Mas depois ele vai dizer que nós caboclo não tem nada porque não trabalha, é preguiçoso. Em vez de dizer se fosse aqueles caboclo "estava pebado também". Eles não enxerga os pobres... Não é todo cariu que faz assim, mas muitos faz assim, colonheiro mesmo daqui de Feijó e di Tarauacá faz assim, eu já vivi em Feijó também e vi com esses meus olhos que a terra há de comer."

Consideram também os Kaxinaú que o mercado deles é pequeno porque têm que trabalhar para os "cariu", e assim, adquirirem os produtos manufaturados de que necessitam para viver.

Dá bem idéia disso um outro depoimento de um outro Kaxinaú da periferia de Tarauacá:

"Esse ano roçado é pequeno, tivem que trabalhar pro R.M. em serviço de empeleita. Ele paga vinte cruzeiros na diária, mas comida por conta da gente, ele não dá comida. Vamu atrás di trabalho com cariu pra comprar sal, o querozene, o sabão, alguma mudinha de roupa..."

A mão-de-obra indígena é também engajada nesse sentido de complementar a subsistência com os produtos da sociedade nacional e que já são fundamentais, para descarregar mercadoria nos portos para os comerciantes locais, para transportar as "pelas de borracha" - em forma de balsa - dos altos rios e igarapés, para "bater o campo do gado" para pequenos fazendeiros da cidade, para o desmatamento nas terras compradas recentemente pelos "sulistas", etc.

Já nos seringais, apesar do patrão utilizá-los para trabalhar em seus grandes roçados, a produção de borracha é ainda o meio de troca mais utilizado para adquirirem esses produtos manufaturados, já essenciais à sua subsistência. Voltaremos a esse assunto quando analisarmos a vinculação desses grupos indígenas com a empresa seringalista.

A caça, que é outro elemento importante na dieta desses grupos indígenas está hoje em dia bastante vinculada com o engajamento desses grupos com a sociedade nacional. De fato, para os Kaxinaú poderem caçar, precisam comprar espingardas e munição (chumbo, pólvora e espoleta) dos comerciantes, regatões e seringalistas da área. É importante também colocar aqui que muitos desses grupos indígenas também vendem parte da caça, seja para o mercado dessas duas cidades (se moram próximo delas), seja para o barracão do seringalista, seja mesmo para abastecer de carne as fazendas dos "sulistás", como analisaremos mais adiante.

A pesca e a coleta de frutas naturais é atualmente secundária nessa área. Queixam-se os Kaxinaú que já não podem utilizar a "waka", uma espécie de tingui que cultivam desde os tempos antigos; e que não têm dinheiro para comprar redes de pescaria, nem anzol, nem linha. Nesse sentido é importante aqui colocar o inquérito policial de mais de 15 índios Kaxinaú na cidade de Tarauacá pelo uso, segundo as autoridades policiais, ilegal do envenenamento de águas. Do ponto de vista indígena, o uso da "waka" não contamina as águas, mas foram impedidos de seu emprego com ameaça de prisão, pelo delegado de Tarauacá. Voltaremos a tratar desse significante episódio que tivemos oportunidade de acompanhar durante a estadia no campo.

Como se pode observar, nem todas essas considerações acima dão conta da vinculação dos Kaxinaú com a empresa seringalista e as fazendas agropecuárias dos sulistas que estão em processo de implantação. Trataremos disso em maiores detalhes nas páginas seguintes.

A Impresa Seringalista

Pode-se dizer que a demarcação de longas faixas de terra, formando áreas futuras para a exploração da seringa, tenha sido a principal razão do surgimento dos primeiros núcleos de civilizados no outrora habitat tradicional dos índios Kaxinaúá. Esse processo de ocupação da região pelos brancos intensificou-se a partir de 1878, com uma extraordinária corrente migratória de nordestinos, dirigida para a Amazônia. A fuga às grandes secas, a concentração desse contingente no litoral e a busca de fortuna mais fácil no Amazonas, em muito contribuiram para a utilização da mão-de-obra nordestina nos seringais que começavam a ser formados nos altos - rio Juruá, Purus e Acre, motivados pelo preço crescente da borra - cha nativa no mercado internacional. Só para a região desses 3 rios migraram aproximadamente 160.000 nordestinos, dos quais 40.000 se dirigiram para a região do alto-Juruá. É compreensível que parte considerável dessa mão-de-obra nordestina tenha sido convocada para os seringais dessa região devido a maior produtividade e melhor qualidade dos seringueiros nativos do curso superior desses rios.

Tal contingente de população civilizada é já um dado significativo para caracterizar a violência do contato com os grupos indígenas que viviam há muito tempo na região. Inicialmente não se visava a escravidão da mão-de-obra indígena, mas sim o extermínio desses grupos, através de matanças organizadas - chamada na área de "correria de índio" - para dar maior segurança aos seringueiros que se internavam em colocações do centro da mata.

Só muito posteriormente que a mão-de-obra indígena foi escravizada para o corte da seringa. É fato significativo que ainda hoje encontramos nos braços dos velhos Kaxinaúá, as marcas das iniciais dos nomes de seus antigos donos. Atualmente, uma percentagem significativa da população indígena ainda está direta ou indiretamente vinculada aos seringais da região, daí ser importante que se

entenda, as características gerais da empresa seringalista na área, para melhor compreender o engajamento da população indígena com os segmentos regionais que envolveram e ainda envolvem os Kaxinaú e demais grupos indígenas da região. Trata-se de uma empresa extrativista e de monocultura, cujo centro dinâmico de decisões se situa fora da região. Se no passado apresentava vinculação estreita com o mercado internacional, hoje apresenta vinculação com os centros metropolitanos do sul do país. Esse fato levou alguns autores, como Roberto Cardoso, por exemplo, a falar de "colonialismo interno". Nesta empresa, tanto a quase totalidade da produção não se destina ao mercado regional, como a grande parte dos produtos lá consumidos são produzidos na área do sul do país, notadamente São Paulo. O seringueiro, seja ele indígena ou civilizado, recebe de seu "patrão" tudo aquilo que necessita, para empreender a produção de "pelas de borracha", desde os instrumentos de trabalho (facas de seringa, baldes e tijelas para colher o látex, etc.), até roupas, alimentos e armas. O fornecimento dessas manufaturas é feito através do pagamento da totalidade da produção ao seringalista. Novo fornecimento é feito, e assim o processo continua, sem que haja a mínima circulação de dinheiro. Eis o que diz um seringueiro Kaxinaú a esse respeito:

"Por aqui mesmo. Por aqui nesses alto não tem dinheiro não. Tudo é no troco."

Como dizíamos acima, tais características da empresa seringalista são fundamentais para compreender-se a adaptação, tanto no passado como no presente, desses grupos indígenas no novo modo de vida engendrado por esta. A unidade de produção e consumo ficou reduzida à família nuclear e a produção indígena ficou sejeita à subordinação dos patrões, donos (nem sempre proprietários) das terras dos seringais.

Trabalhar no corte de seringa e/ou para os patrões dos seringais é ainda hoje fundamental para os Kaxinaú e demais grupos indígenas adquirirem os bens manufaturados, dos quais já neces-

sitam e não podem mais prescindir. Assim, além do corte de seringa, a mão-de-obra indígena é também utilizada no rocado do patrão (geralmente um grande roçado, já que o patrão dele também pensa em termos lucrativos, vende a farinha, a rapadura, o mel, o grame-xó, que é uma espécie de açúcar preto feito no engenho do patrão); na abertura de rodagens que ligam as colocações do "centro" à margem, onde está localizado o barracão; em fazer vias sens para o patrão; no fornecimento de carne e couros para o barracão; no campeamento das pelas de borracha para as cidades de Feijó e Tarauacá; etc.

Por um lado, devido ao alto preço das mercadorias fornecidas pelo "patrão", a grande maioria dos seringueiros, sejam "cariu" ou "caboclo", vivem numa situação de quase escravidão por vida. Dos 71,9% da população indígena contatada e ainda vinculada diretamente ou indiretamente à empresa seringalista da área, não se encontrou nenhum que apresentasse saldo com o patrão. Segundo as anotações de campo, essas dívidas variam desde mil até seis mil cruzeiros. Assim, fica o seringueiro totalmente subordinado ao "patrão".

A mudança de um seringal para outro, quando é feita, só ocorre se outro seringalista amortizar a dívida com o patrão anterior. Nesse sentido, soube-se informações na área, de gerentes do seringal tomarem tudo de valor que 15 Kaxinaú tinhama, tais como espingardas, teçados, machados, rádio de pilha, etc. e descontarem na conta corrente desses índios, e ainda transferirem o restante da dívida para outro patrão.

Por outro lado, os próprios seringalistas da área estão também endividados, principalmente com o Banco da Amazônia, já não dispõem de recursos para adquirir nas praças de Manaus e Belém a mercadoria necessária para a reprodução do avivamento de seus seringueiros; fato esse que nos últimos cinco anos tem contribuído grandemente para o êxodo dos seringueiros civilizados para as cidades de Feijó, Trauacá, Fazenda Califórnia no alto Envira, e até mesmo para a cidade de Rio Branco, capital do Estado do Acre.

O depoimento abaixo, de um seringalista e comerciante na cidade de Feijó fornece uma boa pista para a compreensão da situação atual dos seringais, da cadeia de exploração na empresa seringalista envolvendo produtores e não-produtores, da autoridade dos "patrões" e das rationalizações a respeito dos "catóculos", como são chamados os grupos indígenas da área: Diz ele:

"Muitos seringais estão ficando parados por culpa do Banco. Apertam os seringalistas para pagar a dívida. E os que não pagaram não foram financiados novamente. Se eles recorriam aos comerciantes daqui de Feijó, ninguém queria correr o risco, pois o Banco ficava com a borracha toda produzida pelos seringalista que estavam com dívida. Resultado, ninguém daqui fornecia mercadoria e o seringalista não tinha recursos para movimentar os seringais. Ai muitos fregueses foram abandonando os seringais pois o patrão não tinha como fornecer mercadoria. Os fregueses que ficaram nos seringais comerciavam com os regatões. O patrão não tinha como impedir a troca de mercadoria do regatão pelas peças de borracha que os fregueses produziam. Tem muito seringal que não se levanta mais. A não ser que o Banco mude de política. O principal problema que acho dos seringais daqui, nativos, é o problema da mão-de-obra. O seringueiro já não quer cortar por causa do preço da mercadoria. Eles sabem que o preço das mercadorias é sempre três, quatro vezes mais caro que o preço da borracha.

Falam que no seringal se explora, mas qual a sociedade capitalista que não explora? Aqui no seringal também é assim. Lá nas praças de Manaus e Belém eles exploram a gente e nós jogamos pras costas dos seringueiros. Mas isso aqui está nas últimas. O seringueiro já não quer cortar, ninguém tira saldo.

Aqui o que dá problema é o seringueiro que tem dívida porque tá sempre querendo mais, se não der mercadoria eles vão se embora e não pagam a dívida. Nas aqui eu resolvo as confusões e brigas é na moral. Também não me misturo com eles. Não ando em festa, nem na casa deles. Minha autoridade é minha pessoa, minha presença.

Não tem polícia aqui. Resolvo é na palavra. Se tem mercadoria, forneço. Se não tem mercadoria digo logo. E eles sabem que eu não minto.

Agora esse problema de mão-de-obra o governo tem que trazer de fora. Esses seringueiros cariu daqui não quer mais trabalhar na seringa. Tem esses caboclo que também trabalha na seringa, mas são preguiçosos, produzem pouco e só dá é azar pra gente. Nas eles tão ficando e os cariu tão indo embora. Mas caboclo é bicho safado, Só gosta mesmo é de cachaça. Não dá pra fazer funcionar o seringal com caboclo. Caboclo não tem ambição pra progredir na vida. Só cortam mesmo é pra poder comprar a estiva (é o sal, o quero zene, o sabão, o fósforo, a munição, etc.) e a roupa. E tem deles que querem ser até melhor que cariu. Com caboclo não dá. Tem mesmo é que trazer gente de fora como antigamente. Só o governo pode fazer isso."

No rio Jordão, onde encontramos a maior concentração da população Kaxinaúá, essa crise que atinge os seringais da área repercutiu na concentração de todos os seringais nas mãos de um só seringalista. Estabelecido em posição estratégica na foz desse rio com o Tarauacá, esse seringalista ameaça com bala a subida de regatões. Queixam-se os Kaxinaúá dessa medida arbitrária, já que por lei a nevegação é livre nos rios da área, pois os regatões vendem "mais em conta" que o "patrão", e, além disso, levam mercadorias que não se encontram "nas prateleiras do patrão". Uma das constantes queixas dos Kaxinaúá desse rio é a ausência de medicamentos para combater a epidemia de malária que atingiu praticamente toda a população de lá, inclusive os seringueiros civilizados. Este uso de força que impede os índios de comercializar com outros civilizados, tais como o regatão ou marreteiro é já indicador do funcionamento dessa estrutura de produção ainda vigente na área. Considera esse seringalista, que reside na cidade de Trauacá, que "caboclo é uma nação de ignorantes, de preguiçosos e que só vive para o comer do dia a dia e é uma nação que não tem objetivo na vida. Vive mais

é pro roubo". No entanto, é esse mesmo seringalista quem "explora" a mão-de-obra indígena da região, cerca de 383 Kaxinauá. Nesse sentido, replicam os Kaxinauá:

"Sou caboclo daqui desses alto e nunca roubei nenhum cariu, nunca roubei. Sempre trabalhei pra cariu. Cariu engana muito, mas dá que comprar alguma estiva. Se não trabalhar pra cariu, come sem sal que nem onça... Os patrões enganam muito, trabalhei muito pra nada. Tou ficandi cego do difumador. Não ganho nada. Patrão é quem ganha. Ele engana muito caboclo".

Para se ter uma clara idéia, tanto da quantidade, como dos preços das mercadorias que os Kaxinauá adquirem no barracão do patrão, reproduzo abaixo os produtos "comprados" por uma família de 9 Kaxinauá, durante o ano de 1975. A coleta dessas informações foi feita em cima das notas de compra fornecidas pelo patrão do Seringal Transual, ao chefe desta família. Durante esse ano, essa família ficou devendo ao patrão o montante de \$ 4.284,35.

Notas de compras de uma família Kaxinauá do Seringal Transual, no rio Jordão, no ano de 1.975:

<u>JANEIRO</u>	<u>PREÇO</u>
15 espoletas 60	\$ 15,00
5 cartuchos 16	50,00
1 libra de tabaco	15,00
3 Kg de sal	18,00
12 litros de farinha	18,00
TOTAL	116,00

<u>FEVEREIRO</u>	
1 balde de seringa	25,00
1 faca de seringa	25,00
3 Kg de sal	18,00
10 cartuchos 20,16	100,00
1 libra de tabaco	15,00
10 litros de farinha	15,00
TOTAL	198,00

(cont.)

MARÇO

	<u>PREÇOS</u>
15 espoletas 60	\$ 15,00
8 litros de farinha	12,00
2 Kg de sal	12,00
350 gr. de tabaco	13,00
1 algº de farinha	60,00
6 metros tecido	108,00
5 cartuchos 16	50,00
250 gr. tabaco	8,00
4 litros de farinha	6,00
TOTAL	284,00

ABRIL

1 litro de querozene	9,00
100 gr. de pólvora	23,00
400 gr. de chumbo	24,00
10 espoletas 60	10,00
10 " Tupá	5,00
1 1/2 algº. de farinha	90,00
1 Kg de sal	6,00
1 vidro de Carnibuclin	25,00
1 vidro de Tussareto	25,00
TOTAL	217,00

MAIO

1 litro de querozene	10,00
6 livros de papelim	12,00
250 gr. tabaco	9,20
70 litros de farinha	105,00
2 litros de querozene	20,00
2 barras de sabão	24,00
4 Kg. de sal	28,00
1 maço de fósforos	6,00
TOTAL	214,20

JUNHO

200 gr. tabaco	11,25
2 livros papelim	4,00
450 gr. tabaco	18,80
2 livros papelim	4,00
TOTAL	38,05

(cont.)

JULHO

	<u>PREÇO</u>
250 gr. tabaco	\$ 9,30
2 livros papelim	4,00
1 algº de farinha	60,00
2 Kg. de sal	14,00
2 Kg. de açúcar	20,00
2 barras de sabão	20,00
100 gr. de pólvora	23,00
300 gr. de chumbo	15,00
15 espoletas 60	15,00
10 " Tupã	5,00
1 maço de fósforos	6,00
TOTAL	191,30

AGOSTO

2 algº. de farinha	120,00
1 Kg de açúcar	10,00
200 gr. tabaco	7,50
1 livro papelin	2,00
2 barras de sabão	36,00
100 gr. de pólvora	23,00
300 gr. de chumbo	15,00
15 espoletas 60	15,00
15 " Tupã	7,50
1 maço de fósforos	6,00
3 Kg. de sal	21,00
10 litros de farinha	15,00
TOTAL	278,00

SETEMBRO

100 gr. pólvora	23,00
15 espoletas 60	15,00
2 barras de sabão	24,00
1 maço de fósforos	5,00
1 litro de querozene	10,00
3 Kg. de sal	21,00
40 comprimidos Sulfato Ferroso	16,00
5 envelopes de Melhoral	5,00
5 " " Infantil	2,50
5 " Aralem	10,00
10 pílula do mato	5,00
6 torpedo tetryx	21,00
5 Meracilina	5,00
6 Daraprim	3,00

(cont.)

cont.

<u>SUPPLY</u>	<u>PRICE</u>
1 coberta	\$ 80,00
2 Kg. de açúcar	20,00
1 lata leite em pó Ninho	35,00
1/2 Kg. de café	25,00
3 pratos	27,00
3 colheres metal	18,00
TOTAL	336,50

OUTURRO

15 mts. chita a 25,00 o metro	375,00
4 " mescla a 30,00 o metro	120,00
3 " morim a 20,00 "	60,00
2 " algodão a 25,00 o metro	50,00
6 pilhas de lanterna	42,00
6 garrafas de cachaça	210,00
2 litros de rum	160,00
2 envelopes de Aralem	14,00
5 " de Melhoral	5,00
5 " " Infantil	2,50
1 dúzia de botões de nylon	6,00
1 " " " p/ calça	4,80
1 maço de fósforos	5,00
5 Kg. de sal	35,00
2 litros de querozene	20,00
2 barras de sabão	24,00
1 libra de vela	15,00
3 Kg. de açúcar	30,00
1/2 Kg. de café	25,00
6 Meracilina	6,00
1/2 Kg. manilha	50,00
1 alqueire farinha	60,00
100 gr. de pólvora	23,00
300 gr. de chumbo	15,00
15 espoletas 60	15,00
15 " Tupã	7,50
1 maço de fósforos	5,00
2 tubos linha	14,00
1 lata óleo comestível	30,00
1 faca de seringa	25,00
2 metros mescla entregue ao Salusto	60,00
1 metro de brim	30,00
1 litro rum entregue ao Mucaia	80,00
TOTAL	1.623,80

NOVEMBROVALORES

100 gr. de pólvora	\$ 23,00
250 gr. chumbo	12,50
15 espoletas 60	15,00
1 litro querozene	10,00
1 barra de sabão	12,00
1 maço de fósforos	6,00
3 Kg. de sal	21,00
10 litros farinha	15,00
TOTAL	114,50

DEZEMBRO

3 giletas	6,00
1 teçado	70,00
8 pilhas de lanterna	56,00
1 alqueire farinha	60,00
1 litro de querozene	10,00
1 barra de sabão	12,00
1 rapadura	8,00
2 envelopes Melhoral	4,00
2 " Cibalena	2,00
150 gr. de pólvora	35,50
300 gr. de chumbo	15,00
7 espoletas 60	7,00
13 " Tupã	6,50
5 cartuchos 16	45,00
30 comprimidos Sulfato Ferroso	12,00
5 " Daraprim	5,00
4 torpedo tetryx	14,00
1 garrafa de cachaça	35,00
1 rede	280,00
TOTAL	683,00
TOTAL DO ANO:	4.284,35

As Novas Empresas

Encontramos no alto Envira, já em fase bem adiantada, a instalação de uma primeira grande fazenda agropecuária da região do alto Juruá. Trata-se da Fazenda Califórnia, de propriedade do Grupo Atala, com a área de terra estimada em 500.000 hectares. Seu objetivo, segundo o administrador da fazenda, é o de desenvolver um projeto agropecuário e de plantio racional de seringueiras. A fazenda já possui um núcleo populacional bastante grande, comparado com o isolamento e a depopulação dos seringais do Envira.

A maioria dos trabalhadores, "os peões", são ex-seringueiros, que viviam anteriormente nas cidades de Feijó e Tarauacá e nos seringais das vizinhanças, e são recrutados por um "empeleitante", para trabalhar na derrubada da mata. Assim, o "peão" trabalha diretamente sob as ordens do "empeleitante", e, este último é quem lida com a administração da fazenda. Terminada a "empeleita", muitos peões retornam e outros ficam trabalhando diretamente com o administrador da fazenda. O período da derrubada vai de maio a agosto, época em que as chuvas escasseiam e onde maior número de trabalhadores braçais são contratados. A derrubada da mata visa o plantio de imensos campos de capim, grandes roçados e plantação de fruteiras em grande quantidade, para exportação. Nesse sentido, cabe aqui assinalar a admiração de um dos peões da fazenda, acostumado com o trabalho no roçado apenas para o consumo familiar:

"Aqui é assim. O velho E. só quer grandes plantações. Com ele plantar pouco não serve. Só tudo em grande quantidade. E roçado grande mesmo".

O pagamento é feito ao "empeleitante" e este paga aos peões. O administrador paga R\$ 1.500,00 por "alqueirão" de mata derrubada; um alqueirão corresponde a um quadrado de 220 metros de lado, o que dá uma área de 48.400 m². A fazenda possui uma moeda própria, um vale é distribuído entre os "peões", indicando a cifra

correspondente em dinheiro e que só dá direito para comprar no armazém da Fazenda. O administrador proíbe que os regatões encostem no porto da fazenda, temeroso que eles vendam cachaça para os peões. Para evitar conflitos entre os trabalhadores, disse o administrador que contratou um guarda da polícia com o delegado da cidade de Feijó.

É curioso que a mesma instituição de avitamento, que constitui a peça chave da empresa seringalista, esteja sendo sempre enganada também aqui. A própria existência de uma moeda própria é já indicador de que tudo tem que ser comprado no armazém da fazenda. Serve apenas para dar ilusão de circulação de dinheiro. Os próprios peões, de passado vinculado aos seringais, assim se expressam. Diz um deles:

"A diferença com seringal é que o saldo é mais fácil de receber... Tudo é comprado no armazém da fazenda".

Vivem nos arredores desta fazenda cerca de 55 Culina e 9 Katuquina, trabalhando para o administrador da mesma. Trabalham eles em derrubada da mata, batendo campo, fazendo roçado de capim, abrindo estradas para o futuro transporte do gado, aterrando pontes e, principalmente, fornecendo carne de caça (veado, anta, porquinho, queixada, etc) para a alimentação dos "peões" da fazenda.

Os Culina consideram o administrador da fazenda como melhor patrão que os seringalistas da área, porque seus armazéns tem muito mais mercadorias para fornecer. Diz um deles:

"Patrão bom, trabalhar com ele. Aqui bom, trabalhar aqui. Tem mais mercadoria, tem mais coisa pra ver e comprar".

Adquirem lá certas mercadorias que o patrão dos seringais decadentes do Envira já não têm condições de oferecer, tais como: tecido para fazer roupa, roupas feitas, maletas, mosqueteiros, rádio, eletrola, sabão, sal, querozene, botas de cano longo, perfume, talco, panela, sapato, espingarda, munição, pilhas, lanternas e

etc. Os Culina ficam admirados com tanta fartura e chegam mesmo a trabalhar por vários dias, só para adquirir uma eletrola, que os fascina enormemente. Ao contrário dos "peões" civilizados, os Culina não recebem vales, se desejam alguma coisa no armazém da fazenda, a transação é feita diretamente com o administrador, que diz quantos dias de serviço que devem ser feitos para conseguir, por exemplo, uma eletrola. Desta forma, os bens manufaturados que a fazenda dispõe vai sofisticando ainda mais o consumo desses grupos indígenas.

A maloca desse grupo Culina fica na margem esquerda do Envira, bem próximo da sede da fazenda, na margem oposta. Os homens falam um português rudimentar, enquanto mulheres e crianças praticamente não falam esta língua.

Os 9 Katuquina provêm da maloca de Morada Nova, sediada na periferia da cidade de Feijó. Havia mais Katuquina na fazenda, mas retornaram recentemente para Morada Nova, já que em vez de saldo, estavam em dívida com o administrador. Um dos Katuquina era o "empeleitante", e os outros trabalhavam sob sua ordem. O "empeleitante" é, assim, o intermediário entre os peões, sejam eles civilizados ou índios, e a administração da Fazenda Califórnia.

A Fazenda dispõe também de campo de pouso e aviões próprios, que trazem os produtos manufaturados diretamente de São Paulo. Os preços destas mercadorias, segundo os peões, é equivalente aos preços estabelecidos nas cidades de Feijó e Tarauacá, portanto, inferior ao que os seringalistas na área "vendem".

Em nossa opinião, o que está ocorrendo atualmente nessa Fazenda, é uma tendência do que ocorrerá brevemente em toda a área estudada, ou seja, a progressiva substituição da empresa seringalista pela fazenda agropecuária, de propriedade de grupos sulistas. Diga-se a esse respeito que já foram vendidos enormes extensões de terra dos seringais, cujos donos estavam totalmente endividados com o RASA.

Este grupo Culina, paralelamente ao trabalho na fazenda, desenvolve ainda sua pequena agricultura de subsistência. Plantam, principalmente, a mandioca doce (conhecida regionalmente como a macaxeira), a banana, o milho, o amendoim, a cana de açúcar, mamão, cará, etc., mas tudo em pequena quantidade.

Educação e Saúde

Descrever a atual situação das escolas nas malocas dos diferentes grupos indígenas contatados é uma tarefa bastante difícil, já que nos deparamos com um quadro que denuncia a quase inexistência das mesmas.

Das 39 malocas que conhecemos e/ou tivemos notícias, apenas 2 possuem escola. A primeira é a Escola Santa Catarina de Morada Nova, construída e mantida pela Prefeitura de Feijó. Apesar de estar localizada bem no meio da maloca Katuquina, nos arredores da cidade de Feijó, a escola é muito pouco frequentada por estes índios. A grande maioria dos alunos são filhos de "colonheiros" civilizados.

Dos seus 90 alunos, que a frequentam diurnamente, apenas 10 são Katuquina. Os 80 restantes são filhos de civilizados.

Funcionando mais como uma escola rural do que como uma escola indígena, apresentamos abaixo o movimento diário da escola no mês de setembro de 1.975, discriminando as séries do curso primário:

SÉRIE	Nº ALUNOS DA ESCOLA	Nº DE KATUQUINA	Nº DE CIVILIZADOS
1ª	72	8	64
2ª	8	1	7
3ª	6	-	6
4ª	4	1	3
T O T A L	90	10	80

O professor, contratado pela prefeitura de Feijó, reside na própria escola e mantém com os Katuquina uma relação de evitamento. Embora os índios não apresentem queixas a seu respeito, ele não procura se envolver com os problemas indígenas e

nem tão pouco os incentiva para frequentarem maciçamente a escola. Sendo da área, ele também partilha de uma ideologia de identificação que discrimina os caboclos, num sistema de estereótipos subjacente, que vê os mesmos como preguiçosos, ladrões, safados, animais, brutos, etc.

Na parte da noite funciona o Nobral, mas não foi constatada a presença de, pelo menos, um Katuguina adulto.

Seria muito importante que a FUNAI procurasse fazer um convênio com a Prefeitura de Feijó, para assumir o controle da escola, e lá colocasse um professor que tivesse parte ativa na vida da comunidade e que tivesse um mínimo de sensibilidade para lidar com os problemas indígenas.

A segunda escola funciona na localidade de Paroá, no Seringal São Sebastião, e é dirigida por duas famílias de missionários americanos, da Missão Novas Tribos. Esses missionários, que têm também nessa localidade uma base de operação, procuram desenvolver um ensino bilingüe e adaptar o tempo de aulas ao ciclo agrícola. Frequentam esta escola, cerca de 28 Kaxinaúá.

Os missionários atuam na área desde novembro de 1.972. Além de se preocuparem com o bom funcionamento da escola, prestam também atendimento na distribuição de remédios, pelos quais cobram uma taxa simbólica aos Kaxinaúá. Dispõem de dois barcos a motor, mas só muito raramente ajudam os 98 Kaxinaúá no transporte de produtos agrícolas, para venda, na cidade de Feijó. Alguns Kaxinaúá chegaram mesmo a dizer que os quatro missionários que lá vivem protegem mais aqueles que frequentam os cultos deles. Atualmente esses missionários vivem um pouco coagidos pela polícia da cidade de Feijó, que pelo fato de possuírem rádio de comunicação com a base de Eirunepé, são vistos como possíveis espiões estrangeiros.

Essa atitude provinciana não possui fundamentos, e seria muito importante que a FUNAI legalizasse a situação desses missionários junto às autoridades locais, e passasse a exigir deles

uma atitude cada vez mais de ação indigenista, do que de pregacão do Evangelho.

Como não existe até os dias de hoje nenhum posto e nem nenhum funcionário da FUNAI na área, a melhor política é de juntar esforços, em vez de dividí-los. Daí ser interessante um trabalho conjunto e com a supervisão da FUNAI.

Na Fazenda Califórnia, de propriedade dos "paulistas", existe uma escola, mas não foi constatada a presença de nenhum dos 55 Culina e 9 Katuquina na lista de presença da mesma. A escola só atende aos filhos dos trabalhadores da fazenda.

Dos 36 aglomerados indígenas restantes, não existem escolas. Trata-se de aglomerados situados em terras de seringais, onde raramente existem escolas, até mesmo para os filhos dos civilizados. Sugerimos que a FUNAI se interesse, neste sentido, pelos Kaxinaú que vivem às margens do rio Jordão, região de maior concentração de seus habitantes da área. Torna-se, pois, necessário que a FUNAI não só se interesse em abrir escolas lá, mas também garantir as terras dos índios. Nesse sentido, seria também necessário que a FUNAI estabelecesse também um posto indígena nesse rio, para contrapor a autoridade absoluta que um patrão impõe aos 378 Kaxinaú que vivem como mão-de-obra espalhada em seus 7 seringais.

A situação de saúde é extremamente precária, mesmo para os grupos indígenas que vivem próximos às cidades de Feijó e Tarauacá. Está havendo na área uma grande epidemia de malária, que atinge não só toda população indígena, como também a população civilizada de seringueiros. Estão todos entregues à própria sorte, uma vez que os patrões dos seringais não dispõem de remédios para combate-la. O índice de mortalidade na área, embora seja difícil de calcular, é bastante alto. Mesmo próximo à cidade de Tarauacá, morreu grande número de pessoas devido a atual epidemia de malária.

Pelo que se pode saber, o que mata na malária não é a doença propriamente dita, mas principalmente a fraqueza e os distúrbios

bios hepáticos, decorrentes da mesma.

É de fundamental importância que a FUNAI mantenha na área uma equipe de saúde, que a percorra periodicamente. Aliás, o trabalho da FUNAI na área, a nosso ver, não precisa se limitar à criação de Postos Indígenas. Acreditamos que, atacando de frente os três grandes problemas: a delimitação de uma reserva indígena nos altos rios, uma equipe de saúde e o problema das escolas, a FUNAI esteja dando um passo certo para a sua instalação, dentro de uma política coerente, na área da bacia do Tarauacá.

Acreditamos que seria interessante que a FUNAI firmasse um convênio com o Funrural, para garantir aos índios igual tratamento dado aos civilizados nos hospitais de Feijó e Tarauacá. Isso, de certa forma já vem sendo feito, mas de forma não sistemática, dependendo do bom humor dos encarregados do Funrural, em também distribuir fichas para os "caboclos". Uma vez firmado um convênio com esta entidade, os índios terão direitos iguais aos dos civilizados de origem rural na área.

Por falar em Funrural, cabe também se perguntar, levando-se em conta a total integração desses grupos indígenas na estrutura de classes sociais da região, por que os índios não têm também o direito de aposentadoria por esta entidade? Parece-nos que a FUNAI também poderia atacar esse problema. A política correta, dado este estado de integração dos grupos indígenas, não é a de segregá-los, e com isso criar ainda mais um cem números de estereótipos, mas sim dar ao índio todos os direitos que os civilizados também adquiriram na região.

Nesta área que a FUNAI esteve sempre ausente até os dias de hoje, não faz sentido uma prática indígena paternalista. O que a FUNAI deve criar na área é uma nova modalidade em relação aos índios. A palavra de ordem é de se criar abertura institucional que garanta aos índios os mesmos direitos, inalienáveis, dados ao trabalhador rural. E que esses direitos sejam de fato assegurados.

O problema de terra

Logo que chegamos em Feijó, as terras do antigo Seringal Liège, comprados pelo Governo do Estado do Acre, e onde se localizam uma maloca Katuquina e treze pequenos aglomerados Kaxinauá, era o principal problema tanto para os índios, como para os civilizados que viviam nesta área de terra.

O próprio Governador do Estado do Acre, no ofício de nº. 319, encaminhado ao Presidente da FUNAI em 26/5/75, sugeria a doação dessa área de terra aos grupos tribais da região. Diz o Governador do Estado, neste ofício, à página 2: "Como o Governo do Estado possui a área de terras do antigo Seringal 'Liège', haveria possibilidade de localizar essas tribos se, para tanto, contasse com o apoio da FUNAI, que ora tenho o prazer de solicitar de Vossa Exceléncia".

Acontece que a área desse seringal foi toda dividida em pequenos, médios e grandes lotes, e distribuída não só para os pobres da região, como pensava o Governador em rápida entrevista concedida, mas também, e principalmente, entre os comerciantes da cidade de Feijó. Trata-se de uma jogada política em favor da ARENA, já que a distribuição dos lotes para a população de Feijó, deu-se às vésperas das últimas eleições estaduais.

Os lotes de terra das 3 malocas Kaxinauá, medem, segundo informação do funcionário da ACAR-Acre (Associação de Crédito e Assistência Rural do ACRE), sediada na cidade de Feijó, 15 hectares, 35 hectares e 40 hectares. Os Katuquina, mais numerosos e desejosos de uma área maior, impediram que sua área fosse medida. Seu lote é estimado por este funcionário em 2.000 hectares.

Pouco tempo antes de nossa chegada na área, um funcionário da FUNAI de Porto Velho levantou o problema da terra deste antigo Seringal 'Liège', e incentivou os Katuquina a expulsar os

ecundo e poucos civilizados que tinham lotes fornecidos pela ACAR-Acre. Isso criou um clima de muita expectativa e desconfiança entre estes civilizados, que passaram a hostilizar abertamente o grupo Ketiwa. Até a nossa saída da área, essa situação não tinha sido resolvida. Em vista do conflito aberto que pode ser desencadeado na área, sugerimos que a FUNAI intervenha imediatamente na situação, garantindo a ocupação da área pelos índios e, se não for possível a remoção dos civilizados pobres, que não possuem terras, que pelo menos a FUNAI impeça que os comerciantes de Feijó tomem posse de suas áreas.

Seria importante até mesmo a abertura de um inquérito que tornasse claro os critérios da distribuição de lotes entre os civilizados economicamente bem situados da área. Disse o funcionário da ACAR-Acre que "seria um problema muito grande se acontecesse a distribuição dessas terras só para os caboclos. Pois no Acre tudo gira em torno de politicagem. E a ARENA está meio abalada, devido das últimas eleições. Se houvesse a distribuição de terras só para os caboclos, ia haver grande revolta na cidade de Feijó e o governo atual ia se dar mal, politicamente". Acontece que os índios, devido ao uso do sistema de coivara, precisam de muitas terras para os seus roçados. Urge que a situação seja logo resolvida por parte da delegacia da FUNAI, recentemente implantada no Acre.

Outra área que apresentou conflito de terras está localizada no Seringal Fortaleza, no rio Jordão. O antigo dono deste seringal, retirou-se deste rio com a decadência dos seringais e doou as terras para os Kaxinaúá, que lá vivem há muito tempo, como seringueiros. Parece que este antigo dono do Fortaleza não possuía título de propriedade da terra, fato esse que contribuiu para que as terras deste seringal fossem disputadas pelos patrões da área.

A ocupação do Seringal Fortaleza não se concretizou porque os Kaxinaúá, liderados por Sueiro, um homem de grande liderança no rio Jordão, criaram um forte movimento de resistência. Para resolver o problema, Sueiro viajou até Rio Branco e entrou em contato com o Governador, e recebeu destes garantias verbais que a terra nor-

tencia a eles, Kaxinaúá. Acontece que o problema de terras está bastante complicado na área, com o avanço progressivo da frente agropecuária, que se desloca da micro-região do alto Purus, para a micro-região do alto Juruá.

É importante ter isso em mente para melhor compreender-se a situação precária da garantia apenas verbal de que essas terras, sejam realmente asseguradas aos Kaxinaúá.

Diante dessa situação, cabe à FUNAI intervir diretamente na área, determinando e garantindo a posse das terras aos Kaxinaúá. Aliás, a FUNAI deve se aproveitar da decadência dos seringais e tentar chegar na área, antes mesmo que os "sulistás" comprem todas as terras da área.

A situação de terras e de saúde exige uma atuação imediata por parte da FUNAI, que só agora começa a se instalar na área. O momento atual é decisivo. Se a FUNAI chegar depois da instalação das grandes fazendas agropecuárias dos sulistas, os diversos grupos indígenas da área correm o risco de ficar sem terras para viver.

Como existem muitos seringais cujos donos não possuem títulos de propriedade da terra, a FUNAI poderia aproveitar esses seringais e criar uma reserva indígena na área. Atualmente, esse Seringal Fortaleza acha-se arrendado ao único patrão que controla todo o rio Jordão. Tal arrendamento, do ponto de vista dos índios que lá vivem, foi estratégico para eles adquirirem os produtos manufaturados, já indispensáveis para a subsistência. Essa estratégia também faz sentido, uma vez que esse patrão, estabelecido na foz do rio Jordão, impede ilegalmente a subida de regatões que poderiam comercializar diretamente com os índios.

O restante da população indígena contatada vive também em terras de seringais da região. Como foi colocado acima, nessas áreas, estão em jogo dois movimentos de um mesmo processo: a implantação de fazendas voltadas para a pecuária e a desintegração da velha empresa seringalista. No momento atual, à excessão da Fazenda Califórnia, os outros seringais foram comprados por especuladores

que esperam ganhar imensas quantias de dinheiro com a venda de terras, após a implementação da rede rodoviária, que ligará brevemente todo o Estado do Acre.

Em face dessa situação, e mesmo porque os novos patrões expulsam os posseiros, seringueiros e índios de suas terras, às vezes até com a ajuda da polícia, torna-se necessário que a FUNAI marque a sua presença na área. A FUNAI, repetimos mais uma vez, deve assegurar a permanência desses grupos indígenas na área de seu habitat tradicional.

Segue abaixo a continuação do depoimento do velho Kaxi-nauá, da epígrafe deste relatório:

"Nós tem dado muito lucro pros patrão daqui e com muito sofrimento.

Só num vamo simbora que isso aqui é o lugar em qui a gente nasceu.

Eu nasci no Seringal Porto Rubim.

Eu alcancei a alagação de 1.915, eu era menino nesse tempo. Sou velho. Já não posso butar roçado.

Eu queria me aposentar pelo Funrral também como os cariu velhos.

Muito só promete. Dão promessa.

Por isso eu digo, não sou santo pra me fazeri promessa.

Muitos promete, promete.

Veja minhas roupinhas, meus trapos...

Si tivessi qui amparasse nós, patrão não ia dizer qui nós num tem proteção de ninguém.

nesse mundo, aqui, nós fica calado pra não ouvir confusão: 'os caboclo como vocês é como guarané animal, como cachorro'. E isso qui os patrão dizi. Qui desde qui eu me entendo no mundo qui isto aqui é nossas terras, mas

nós só tem é trabalhado pros patrõ... .

É assim, é assim como eu

tô contando pro senhor."

Ao finalizar este relatório, gostaríamos de deixar claro que dispomos de mais dados sobre os Kaxinauá, especificamente, que são destinados à nossa dissertação de mestrado no curso de Pós-graduação em Antropologia Social, na Universidade de Brasília.

Tais dados dizem respeito à organização social dos Kaxinauá, os casamentos interétnicos, as relações comerciais com os civilizados, o compadrio, a forte ideologia étnica que discrimina radicalmente os "caboclos", dentro do mundo dos regionais acreanos, etc.

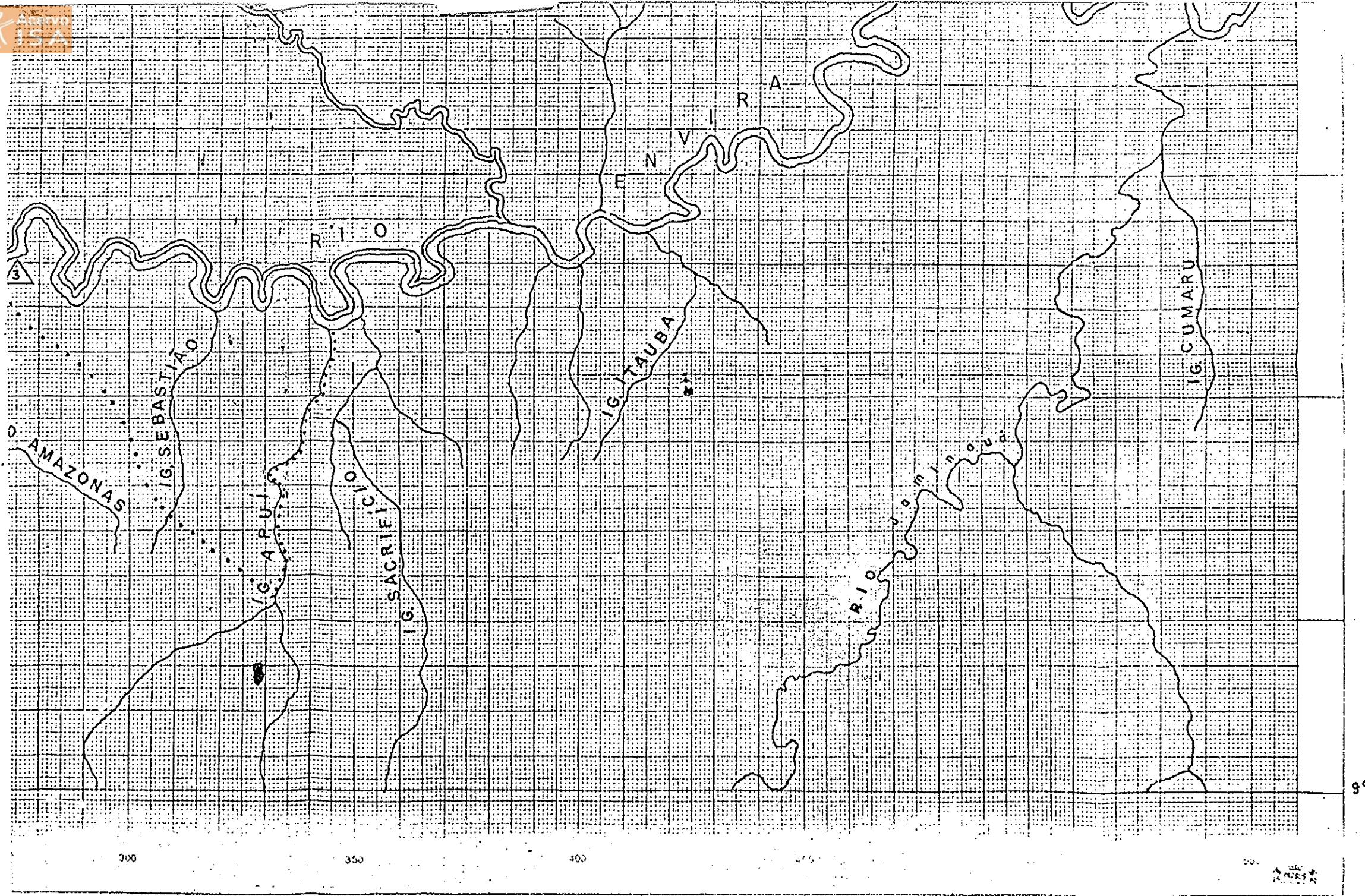
Temos também interesse em retornar à área, em agosto próximo, para continuarmos nossa pesquisa de campo com os índios Kaxinauá.

Agradeço à FUNAI, na pessoa do Chefe do DEP (Departamento de Estudo e Pesquisa), que financiou e possibilitou a realização deste relatório, e de nossa posterior dissertação de mestrado, no curso mencionado acima.

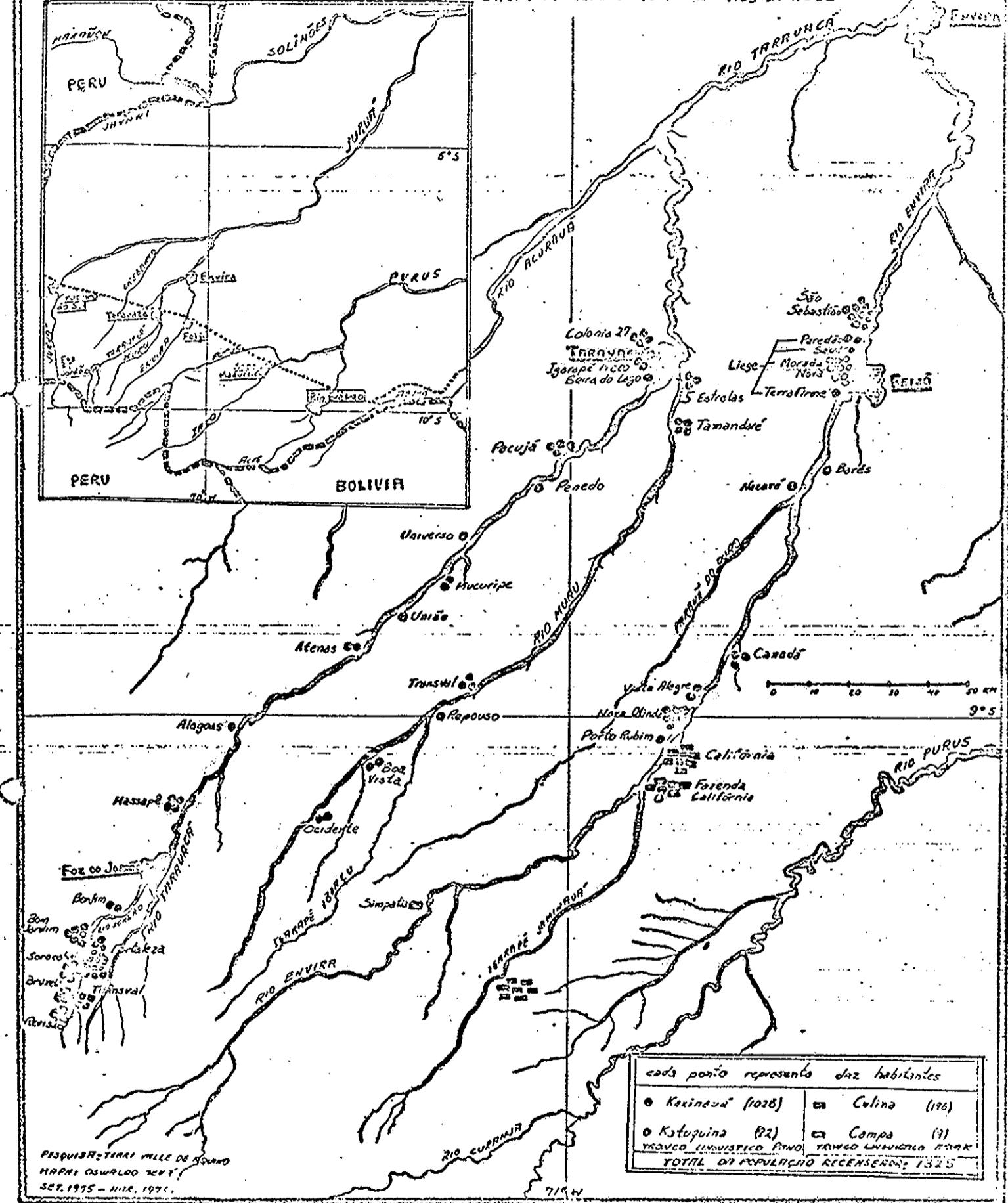
Como permaneceremos ligados à Universidade de Brasília no decorrer deste semestre, ficamos à disposição da FUNAI, para maiores detalhes sobre a área visitada.

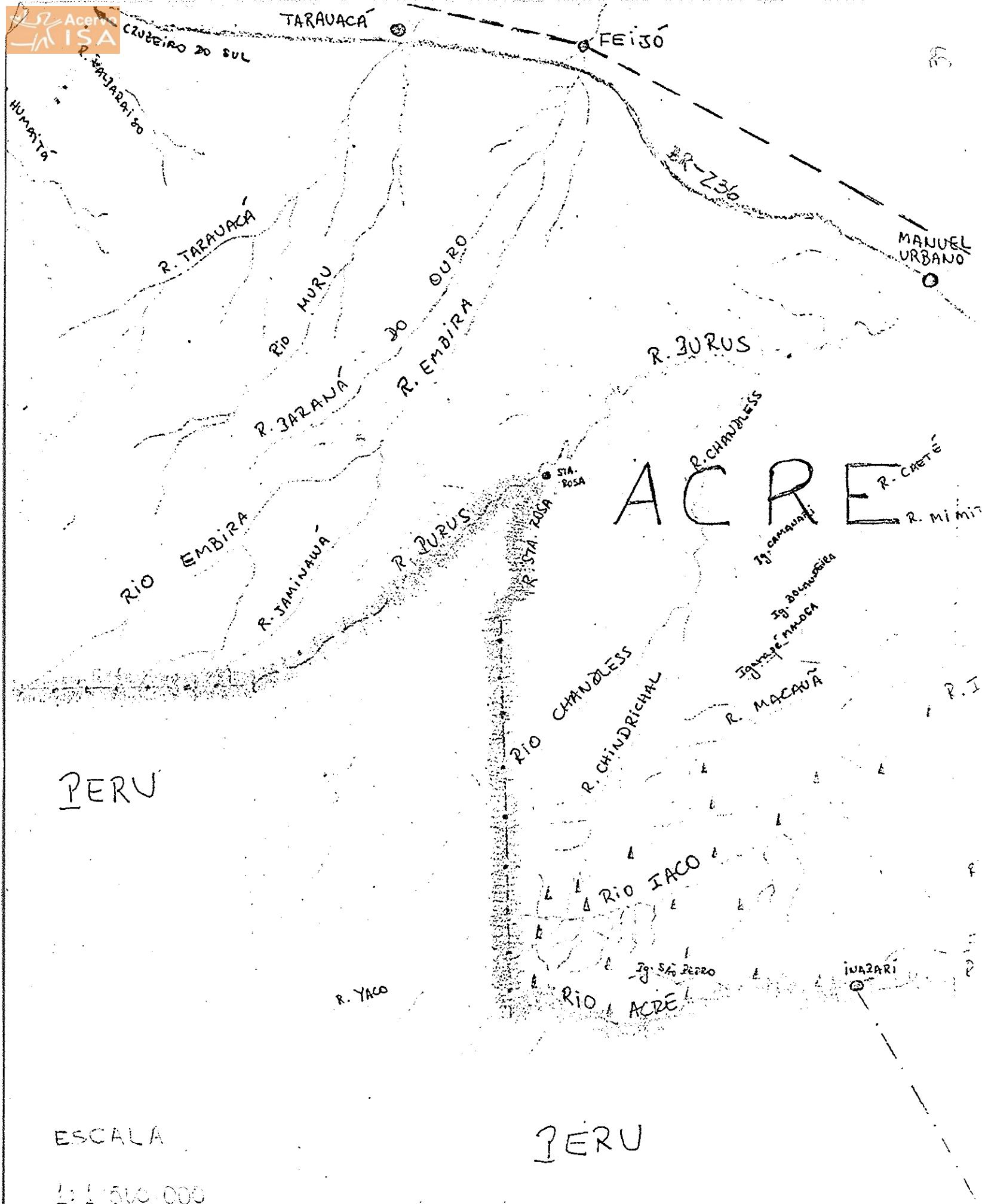
Brasília, de Abril de 1.976

152
Acervo
ISA
69



DISTRIBUIÇÃO DOS GRUPOS INDÍGENAS NOS VILARES ESS RIOS TERRURUCA E ENVIRAS
ENTRE O RIO JURUÁ E ESTADO DO AMÉRICA





PERU

ESCALA

PERU

AMAZONAS

